



● A Guerra de Putin

Invasão da Rússia à Ucrânia devolve o protagonismo a petroditaduras

— Com entrada em vigor do embargo ao petróleo russo em retaliação à guerra ordenada por Putin, países se aproximam de líderes autoritários por temer escassez da commodity

CAROLINA MARINS

Com menos petróleo russo no mercado e um embargo ao produto que deve começar amanhã, governos autoritários produtores de petróleo são recebidos com cordialidade por países dependentes.

O governo da Venezuela fez questão de divulgar em suas redes sociais uma imagem da COP-27 em que Nicolás Maduro é recebido calorosamente pelo presidente francês, Emmanuel Macron. O gesto chamou atenção porque, em 2019, a França rechaçou Maduro e reconheceu Juan Guaidó como líder da Venezuela.

Mas, agora, em meio a uma crise de energia que ameaça a Europa em razão da guerra na Ucrânia, gestos amistosos com líderes autoritários como Maduro e Mohammed Bin Salman, da Arábia Saudita, voltaram à cena, já que ambos possuem uma commodity valiosa: petróleo.

Amanhã, a União Europeia dá o primeiro passo para embargar o petróleo da Rússia em retaliação à invasão da Ucrânia, em 24 de fevereiro. A sanção promete afetar o mundo todo, já que Moscou é um grande exportador da commodity. Em busca de alternativas para evitar um colapso energético e econômico, o Ocidente se volta para as chamadas petroditaduras — Estados autoritários detentores de grandes reservas de petróleo — mesmo após ter prome-

tido transformá-los em párias.

SANÇÕES. No movimento mais recente, o governo de Joe Biden aliviou as sanções contra a Venezuela ao conceder uma autorização para que a gigante americana de energia Chevron opere com a PDVSA, embora com ressalvas. Uma medida que foi comemorada por Maduro e criticada por republicanos.

“Não é necessariamente um renascimento dos petro-Estados com governos autoritários, é que os países ocidentais decidiram que seus interesses terão prioridade, pois todo o foco está na Rússia e na Europa Oriental”, explica ao Estadão Justin Dargin, especialista em energia do Oriente Médio no Carnegie Endowment for International Peace. “Este não é um fenômeno novo: os países ocidentais, ao longo do século 20, ignoraram certas tendências autoritárias de seus parceiros se a conveniência política o exigisse.”

AVANÇOS. Os EUA negam que a recente reaproximação com a Venezuela seja em decorrência da crise energética, mas sim um reflexo “de sua política que visa um levantamento das sanções sujeito a progressos concretos que permitirão apoiar o retorno da democracia à Venezuela”. A autorização parcial ocorreu no dia 26, depois que governo e oposição na Venezuela avançaram em suas negociações no México.



Macron (D) e Maduro na COP-27; reaproximação por interesses

“Toda essa reaproximação com a Venezuela já vinha realmente de tempos anteriores, mas foi acelerada no contexto da guerra da Rússia contra Ucrânia”, afirma o professor de Relações Internacionais da FGV Vinicius Vieira. “Os EUA querem manter os preços do

da dependência americana do petróleo.”

PETRÓLEO RUSSO. Além de ser a maior fornecedora de gás natural para a Europa — que já teve suas torneiras fechadas quase completamente nos últimos meses — a Rússia também é a maior fornecedora de petróleo bruto para o continente. A commodity representa dois terços das importações de energia da UE, seguida pelo gás (27%). Em 2021, quase três quartos das importações de petróleo bruto do bloco saíram da Rússia (25,9%), Noruega (9,1%), EUA (8,4%) e outros, segundo a Comissão Europeia.

Já no segundo trimestre de 2022, após o início da guerra na Ucrânia, as importações de petróleo russo foram de 16,7%,

uma redução de 8,3 pontos percentuais do mesmo período de 2021. O bloco recorre a outros parceiros, com aumento de importações de EUA, Angola, Arábia Saudita, Brasil e Reino Unido. Mas ainda muito longe de compensar a perda russa.

Já os EUA são menos dependentes do petróleo russo. Segundo dados da Energy Information Administration, apenas 7,9% do petróleo bruto importado pelo país veio da Rússia, e mais de 50% do Canadá.

Após ter prometido, quando era candidato presidencial, tornar o príncipe herdeiro da Arábia Saudita em pária internacional pelo envolvimento no assassinato do jornalista Jamal Khashoggi, Biden foi obrigado a baixar o tom contra o parceiro energético.

EMBARGO. Proibir totalmente o petróleo russo era uma opção inviável, tanto pela dependência dos países quanto pelo risco de uma recessão global. A alternativa da UE, juntamente com G-7 e Austrália, foi proibir o transporte marítimo para a Europa além da imposição de um teto de US\$ 60 (R\$ 313) por barril para que bancos, seguradoras e empresas trabalhem com o petróleo russo. A intenção é reduzir o lucro da Rússia que flui para a guerra sem afetar too bruscamente o mercado global.

Em resposta, o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, disse ontem que o governo analisa a medida, mas não aceita o limite de preços. ●

Interesses nacionais se sobrepõem aos globais

ENTREVISTA

Justin Dargin

Analista do Carnegie Endowment for International Peace

A guerra na Ucrânia e a recente reaproximação dos países ocidentais com governos ditatoriais mostram que, ao serem pressionados, as nações consideram seus interesses econômicos

cos frente aos acontecimentos mundiais. A avaliação é de Justin Dargin, especialista em energia para o Oriente Médio do Carnegie Endowment for International Peace, com sede em Washington, em entrevista ao Estadão.

A guerra na Ucrânia trouxe um renascimento do poder das petroditaduras?

Não é que os petro-Estados com governos autoritários estejam renascendo, por si só.

Os países ocidentais decidiram que seus interesses estatais seculares terão prioridade sobre quaisquer preocupações neste momento. Este não é um fenômeno novo. Além disso, após os fracassos no Iraque e no Afeganistão, muitos governos ocidentais sentem que é melhor incorporar uma visão realista para lidar com os governos como eles são, e talvez sutilmente empurrá-los para ações melhores, do que tentar impor uma mudança em grande escala. A guerra na Ucrânia preparou o cenário para que essa visão realista viesse mais uma vez à tona.

Qual a posição dos grandes produtores de petróleo do

Orientes Médio em meio à guerra na Ucrânia?

Em geral, os maiores produtores de petróleo do Oriente Médio se uniram à Rússia por interesse próprio. Precisam da cooperação de Moscou para que haja alguma estabilidade de preços no mercado internacional. Essa visão é reforçada pelo fato de que outros países, particularmente a Arábia Saudita, sentem que o Ocidente não tem o direito de ditar como eles devem conduzir seus negócios e com quem cooperam no cenário internacional. Mas no momento em que o engajamento russo deixar de ser benéfico, haverá menos ímpeto entre esses produtores para continuar trabalhando coleti-

vamente com a Rússia.

Como o sr. avalia a imposição de um teto ao preço do petróleo russo?

Deve-se lembrar que a proposta de limite de preço foi formulada para permitir que o petróleo russo continue a abastecer o mercado global a um preço que limita a capacidade da Rússia de financiar sua guerra. Isto porque quando o embargo europeu ao petróleo russo entrar em vigor, amanhã, os países ocidentais procurarão uma estrutura para evitar um choque global de preços que prejudicaria uma economia mundial já frágil e colocaria uma pressão crescente sobre as taxas de inflação. ● c.m.

